

SBS - XII Congresso Brasileiro de Sociologia

MST e mídia: uso do detournement e a
construção de novo consenso

Autor: Fernando A. da C. Vieira

Grupo de Trabalho GT19 - Sociedade de Informação

A sociedade contemporânea assistiu, ao longo do século XX, o desenvolvimento dos meios de comunicação, em especial, o rádio e a televisão, transmitidos a uma população variada e dispersa geograficamente.

Algumas leituras apresentam um olhar, especialmente as abordagens dos anos 50, mecanicista, acerca da relação entre a sociedade e a mídia. Visualizam a primeira como um ator passivo, reduzido a um mero espectador que decodifica a mensagem recebida, concebendo um comportamento manipulado por estímulos externos aos indivíduos.¹

A crítica a essa visão foi feita pela Escola de Frankfurt que introduziu a categoria *Indústria Cultural* ao abordar os meios de comunicação. As leituras da Escola de Frankfurt procuraram demonstrar que a natureza da produção não é feita pelo conjunto da sociedade e

*corresponde a mecanismos de seriação e de segmentação de bens culturais produzidos de forma parcelar e para públicos diferenciados na escala social.*²

Os meios de comunicação se inserem dentro dessa realidade, pois as novas técnicas oriundas do avanço da eletrônica resultaram numa padronização da satisfação das necessidades. Ainda assim, permanece a fragmentação do acesso à informação e o conhecimento pessoal que os indivíduos possuem sobre determinados assuntos.

Claro que não se trata de dimensionar para os veículos da indústria cultural um poder de manipulação total sobre a sociedade. A própria educação permite uma leitura crítica sobre a sociedade e sobre a forma com que ela mesma vai traduzir as informações que recebeu.

¹ - Alguns autores trataram deste tema, entre eles, CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1999; ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. SP: Perspectiva, 2003; MCLUHAN, M. **Galáxia Gutenberg**. SP: Nacional, 1972; MORIN, E. **Cultura de massas no século XX. O espírito do tempo**. RJ: Forense Universitária, 1987.

²- COSTA, Belarmino César G. da. Indústria cultural: Análise crítica e suas possibilidades de revelar ou ocultar a realidade. In: PUCCI, Bruno (org.). **Teoria crítica e educação. A questão da formação cultural na Escola de Frankfurt**. Petrópolis, Vozes, 1994, p. 181.

O que não quer dizer que, na moderna sociedade capitalista, possa-se desconsiderar que na indústria cultural, os meios de comunicação de massa (mídia), apresentam-se como um instrumento a mais no contexto da acumulação de capital e na própria reprodução, dentro dos parâmetros gramscianos, de uma hegemonia de classe.

Além disso, a mídia, como

*conjunto de meios de comunicação de que se vale fortemente a ideologia globalista é, a exemplo da velha retórica, uma técnica política de linguagem. Mais ainda: potencializada ao modo de uma antropotécnica política – quer dizer, de uma técnica formadora ou interventora na consciência humana – para requalificar a vida social, desde costumes e atitudes até crenças religiosas, em função da tecnologia e do mercado.*³

Considerando esses parâmetros, fica mais fácil perceber a antinomia entre os movimentos sociais e a mídia ao longo do século XX. Para a mídia, os movimentos sociais são lidos como representantes de um projeto que foge ao objetivo de ampliação dos consumidores dos produtos ofertados pelo mercado. Esse fetiche do mercado desloca do plano objetivo para a subjetividade aquilo que efetivamente se traduz enquanto elemento mais concreto na moderna sociedade de consumo: a propriedade e a alienação.

A mídia apresenta, dentro desta nova dimensão,

*uma função altamente estratégica na difusão das inovações (tanto no nível de bens duráveis e semiduráveis de consumo ou ainda de alimentos, como da vulgarização de conhecimentos).*⁴

³ - SODRÉ, Muniz. O globalismo como neobárbarie. In: MORAES, Denis (org.) **Por uma outra comunicação. Mídia, mundialização cultural e poder**. RJ: Record, 2003, p. 22.

⁴ - SODRÉ, Muniz. A máquina de Narciso. Televisão, indivíduo e poder no Brasil. SP: Cortez, 1990, p. 97.

Nesse contexto, o processo de reificação do conhecimento transformado em mercadoria a ser consumida, permitirá à mídia fazer com que as lutas sociais venham a ser compreendidas de forma isolada de suas reivindicações, transformando a ação em mera imagem que existe por si mesma.

Essa busca pela imagem se traduz no olhar que o francês Guy Debord apresentou em seu clássico: **A sociedade do espetáculo**, publicado, originalmente, em 1967. Nele vemos que o mundo contemporâneo é marcado pela busca do *espetáculo*, pois

*toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação.*⁵

Mais do que discutir o impacto político dos meios de comunicação, Debord questionava as armadilhas que o capitalismo armava para o pensamento crítico. Dessa forma, o que Debord

*chamava "sociedade do espetáculo" não era somente a tirania da televisão - a manifestação mais superficial e imediata de uma realidade mais profunda - mas todo o sistema econômico, social e político do capitalismo moderno (e de sua cópia burocrática no Leste), baseado na transformação do indivíduo em um espectador passivo do movimento das mercadorias, e dos acontecimentos em geral.*⁶

O espetáculo se transformou em uma visão de um mundo marcado pela racionalidade da produção na sociedade capitalista. Enquanto mercadoria apta ao consumo,

⁵-DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo**. RJ: Contraponto, 1997, p. 13.

⁶- LÖWY, Michael. Consumido pelo fogo interno. In: **Praga**, n° 5, SP: 1998, p. 141/140.

ele busca se apresentar não como "um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens." ⁷

Objetivamente, a sociedade do espetáculo intensifica o processo de alienação⁸, apresentando-o de forma sublime⁹, sendo que a imagem passou a representar a mercadoria a ser consumida, ou mesmo, o desejo de consumo. Alienação, consumo, mercado, e o próprio espetáculo tornam-se

*a ideologia por excelência, porque expõe e manifesta em sua plenitude a essência de todo sistema ideológico: o empobrecimento, a sujeição e a negação da vida real. O espetáculo é, materialmente, a expressão da separação e do afastamento entre o homem e o homem.*¹⁰

Apesar dessa realidade, cabe ressaltar que no campo cultural existiram propostas de representar um projeto de produções emancipadoras no cinema, visível nas propostas do Cinema Novo e, no teatro, como o do oprimido, projetado por Augusto Boal resgatando Brecht e incorporando novas dinâmicas, que buscavam efetivamente romper o cerco ideológico no plano da comunicação e da informação.

Os avanços assistidos na computação, ao longo da década de 1990, se tornaram um instrumento a mais na relação entre a mídia e a sociedade. Os satélites passaram a integrar a humanidade permitindo o acesso visual aos eventos que ocorrem em qualquer área do globo.

⁷ - DEBORD, Guy. Op.cit. p.14

⁸ - Marx, nos Manuscritos econômico-filosóficos de 1844, descreveu a alienação como sendo “a alienação do operário de seu produto significa não somente que seu trabalho se converte em um objeto, em uma existência **externa**, mas também, que esta existência se encontra **fora dele**, é independente dele e aliena a ele e representa diante dele um poder próprio e substantivo, que a vida que o operário tem infundido ao objeto enfrenta a ele como algo estranho e hostil.” MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos de 1844**. México: Grijalbo, 1968, p.76.

⁹ Dotado de uma elevação excepcional, sua forma é apresentada desprendida de seu conteúdo material, condição necessária para, então, oferecer-se como a expressão naturalizada do processo histórico em curso. Para tal, vale-se de instituições de regulação e estabilização dos conflitos sociais criando um cenário sublimado que se sustenta a partir da repressão às manifestações das contradições deste processo e criando sua afirmação consensual. (Cf. EAGLETON, Terry. **A Ideologia da Estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

¹⁰ DEBORD, Guy. op. cit., p. 138.

O desenvolvimento da TV a cabo e da informática e a posterior popularização do *personal computer* (pc), permitiram um novo tipo de seleção sobre a informação a ser acessada. No entanto, tais transformações acabam servindo como mecanismos de reprodução de projetos hegemônicos, pois

*as profundas mutações culturais, políticas, econômicas e sociais que caracterizam a chamada era das infosociedades globais converteram as mídias em agentes de difusão de discursos legitimadores da ideologia do mundo sem fronteiras.*¹¹

A geração da Internet trouxe uma nova alavanca para troca de informações: debates, navegação em links de museus, *chats* com diversas pessoas de variados países. Claro que agrupados sob a "novilíngua" adotada universalmente: o inglês.

A introdução da Internet resultou mais em um instrumento de entretenimento do que em um espaço que se apresentasse capaz de novas interlocuções visando a melhoria de vida global. A rede tornou-se um grande espetáculo de imagens e links.

Como cabe ao indivíduo escolher quanto tempo e em qual *site* passar, busca-se aprimorar a qualidade das imagens visando seduzir o possível consumidor / internauta. A mídia interage com o público esperando a opinião pessoal sobre o *site*, pedindo o envio de e-mail, contando o número de visitantes, etc.

Dentro dessa rede, encontram-se também movimentos políticos que buscam difundir seus projetos, convivendo grupos tão antagônicos e díspares como os defensores da supremacia ariana expondo seus ideais racistas, ONG's como o greenpeace dando informações sobre agentes poluidores, os zapatistas informando os progressos das negociações políticas com o governo mexicano em Chiapas, etc.

Dentro desse novo contexto,

a mídia não se enquadra mais na forma disciplinar clássica, coercitiva. Os meios de comunicação são

¹¹- Moraes, Dênis. A dialética das mídias globais. In: **Globalização, mídia e cultura contemporânea**. Campo Grande: Letra Livre, 1997, p. 11/12.

*hoje, um dispositivo que simula o mundo para melhor especializá-lo e administrá-lo.*¹²

Além disso, fica patente a apresentação de um modelo, no plano da linguagem midiática, enquanto um campo ao qual

*à análise centrada em mensagens e códigos, faltou um arsenal de conceitos capaz de abarcar o campo e demarcá-lo sem amálgamas, a delimitação operada pelo modelo informacional deixou de fora coisas demais. Não somente a questão do sentido, mas também a do poder. Fica de fora a gama de perguntas que vêm da informação como processo de comportamento coletivo. Fica de fora o conflito de interesses em jogo na luta por produzir, acumular ou veicular informações e, por conseguinte, os problemas da desinformação e do controle.*¹³

Contra essas perspectivas, os movimentos sociais passaram a utilizar os mesmos recursos apresentados pela mídia, não aceitando, no entanto, sua inserção na ótica mercadológica da sociedade do espetáculo. Na realidade, fazem da imagem uma forma de construção de novo olhar, capacitado a romper o consenso onde o espetáculo se apresenta como "o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem."¹⁴

No caso brasileiro, o processo histórico de construção de um complexo midiático centrado em torno de grandes monopólios empresariais fortaleceu a desconexão da mídia diante da sociedade.

¹²- MORAES, Dênis de. *Op. cit.* p. 45.

¹³ - MARTIN – BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia.** RJ: Ed.UFRJ, 2003, p. 292.

¹⁴- DEBORD, Guy. *Op. cit.* p. 25

Na prática, assistimos à imposição de uma cultura desterritorializada, sujeita aos ditames do mercado que busca uma padronização cultural e comportamental centrada na percepção da notícia e da imagem enquanto mercadoria.

Aos sujeitos e movimentos sociais que não se enquadram ao olhar mercadológico da mídia resta a criminalização e / ou a desqualificação. Por várias vezes, sindicatos e movimentos sociais foram apresentados como instrumentos da desordem, do caos, que atuam à margem da lei. Na edição do **Jornal do Brasil** de 10 de maio de 1995, o editorial elogiava a postura do TST (Tribunal Superior do Trabalho) que votara contra a greve dos petroleiros. Para o jornal, a

declaração de abusividade da greve nacional dos petroleiros pelo Tribunal Superior do Trabalho, por onze votos a um - 24 horas depois de considerar abusiva a greve dos marítimos - devolve ao leito original as paralisações nos serviços públicos e em áreas essenciais. São greves meramente políticas, preparadas e comandadas pela CUT. As paralisações foram deflagradas com o objetivo declarado de atingir serviços públicos ou atividades de grande impacto junto à população, como é o caso dos professores da rede estadual fluminense, dos metroviários e motoristas e cobradores de ônibus paulistas, além dos eletricitários. Todas tinham e têm objetivo de marcar posição contra as reformas da Constituição que vão modernizar o país. A manifestação quase unânime do TST no caso da Petrobrás não deixa dúvidas: o tribunal julgou a greve essencialmente política e determinou a volta ao trabalho em 12 horas, sob risco de pesadas multas. O motivo político foi negado pela Federação Única dos Funcionários da Petrobrás, como forma de chamar a atenção da população para as reformas da Constituição, mas o alvo visível era a emenda que tira da Petrobrás a exclusividade do monopólio do petróleo, permitindo à União contratar outras empresas para explorar, transportar e refinar petróleo.¹⁵

¹⁵ - **Jornal do Brasil**. 10/05/1995.

O mesmo jornal, em edição anterior, de 22 de fevereiro de 1995, condenara a greve dos rodoviários do Rio de Janeiro apontando que a população enfrentaria transtornos para ir trabalhar.¹⁶ A reação do governo federal para conter a greve dos petroleiros, em 1995, incluiu a ocupação das refinarias por tropas do exército, além da demissão de líderes sindicais, contou, segundo pesquisa do Instituto Datafolha, com 52 % de aprovação dos entrevistados que consideraram a ação do governo “*rigorosa na medida certa.*”¹⁷

Ao olhar os dados apresentados pela **Folha de São Paulo**, cabe lembrar a leitura feita por Pierre Bourdieu em seu texto **A opinião pública não existe**. Analisando as pesquisas de opinião pública realizadas na França, Bourdieu aponta o fato de que as sondagens expressariam questões subordinadas a interesses políticos que, predeterminariam as respostas e o significado dado ao se publicarem os resultados.¹⁸ A suposta crença da existência de uma opinião pública baseia-se na suposição de que todos os membros da sociedade são portadores e produtores de uma opinião que detém um determinado valor por si mesma. Além disso, Bourdieu elabora com clareza importante observação:

*O simples fato de se colocar a mesma questão para todo mundo repousa na hipótese de que existe um consenso sobre os problemas, dito de outra forma, que há um acordo sobre as questões que merecem ser colocadas.*¹⁹

É essa realidade que a mídia brasileira vai viabilizar. Ela vai sugerir que a opinião pública brasileira detém o olhar da inevitabilidade do mercado expressando o efetivo juízo de valor que reordenaria a atuação da mídia diante da sociedade.²⁰

A defesa da democratização dos meios de comunicação visa construir mecanismos de informação e difusão da notícia que não representem unicamente os interesses dos conglomerados empresariais, permitindo à sociedade maior autonomia para a absorção e análise dos eventos noticiados. A difusão de rádios comunitárias tem sido um dos

¹⁶ - **Jornal do Brasil**, 22/02/1995.

¹⁷ - **Folha de São Paulo**, 02/07/1995.

¹⁸ - BOURDIEU, Pierre. *L'opinion publique n'existe pas*. In: **Questions de sociologie**. Paris: Minuit, 2002, p. 224.

¹⁹ - *Ibidem idem*. P. 222.

²⁰ - Conferir ARBEX JR., José. **Uma outra comunicação é possível (e necessária)**. In: Moraes, Denis, op. cit., P. 389.

mecanismos para romper, ainda que de forma tênue e limitada, esse monopólio e é, por isso mesmo, tão combatida pelos grandes monopólios no Congresso e nos estados.

Dentro desse quadro, a mídia se apresenta como defensora da propriedade privada legitimando essa ordem. Por isso mesmo, articula-se aos interesses ruralistas, produzindo discursos cuja análise traduz o projeto de desqualificação e de criminalização do MST.²¹ Em um pequeno texto editorial, na seção *Opinião*, o jornal **O Globo**, de 07 de maio de 2004, afirma sobre uma futura intimação judicial a uma das lideranças do MST, João Pedro Stédile, que

*como a audiência será em setembro, Stédile terá tempo para pensar sobre o que fazer. Como ele já deixou de comparecer a duas audiências anteriores, é provável que continue a tratar o Poder Judiciário e as leis com o mesmo respeito que tem a cercas e porteiros de propriedades privadas.*²²

O texto induz nos leitores a leitura de que o MST e suas lideranças atuam à margem da lei com uma prática criminosa que desconsidera o aspecto legal da propriedade privada. Ao não respeitarem as instituições legais, merecem todo o rigor das mesmas.

Por outro lado, para o MST, a mídia se apresenta como um espaço emblemático. Utilizando estratégias apreendidas de outros movimentos – como, por exemplo, a Internet que passou a ser vista como importante instrumento para difusão de idéias pelo movimento zapatista no México -, o movimento procurou romper o monopólio da mídia desenvolvendo jornais, criando uma página na Internet e divulgando boletins eletrônicos.

²¹ - Considerando a essência do discurso, podemos observar que o mesmo, mais do que um amontoado de frases desconexas, representa a regência de leis de estruturação que lhe dão sentido. Cabe ressaltar que as relações sociais demandaram a construção de sistemas lingüísticos aonde determinações sócio-ideológicas vão se encontrar presentes em seu interior. Conferir, FIORIN, José Luiz. **O regime de 1964. Discurso e ideologia**. SP: Atual, 1988.

²² - **O Globo**, 07/05/2004.

O movimento vem utilizando a mídia e a própria concepção do espetáculo enquanto um *detournement*²³, mediante o qual a imagem espetacularizada permitiria a construção de um olhar favorável da sociedade ao movimento. As marchas dos sem terra, ocupações de prédios públicos, acampamentos junto a terras que esperam a desapropriação, são estratégias utilizadas para apresentar as lutas do movimento para a sociedade, trazendo um sentido político ao que é desqualificado pela mídia em geral.

Nesse sentido, o MST busca, ao reordenar o uso do espetáculo, não só romper com o olhar da mídia que vê nas práticas do movimento uma negação da ordem legal e, portanto um ato criminoso, como também, construir novos parâmetros junto à sociedade. O *detournement* permitiria a apresentação de um tipo de espetáculo diferente daquele que instrumentaliza a alienação e o consenso em torno da defesa da propriedade fundiária.

²³ - O conceito foi utilizado pelo grupo situacionista - que tinha em Guy Debord uma de suas principais referências teóricas - para tomar ao adversário / inimigo idéias, valores e coisas para montar uma outra coisa que reforçasse o combate ao próprio inimigo / adversário. Conferir: **Situacionista. Teoria e prática da revolução**. SP: Conrad, 2002, coleção Baderna.